

CRISE DE IDENTIDADE:

UMA LEITURA DE *UM FILME FALADO*, DE MANOEL DE OLIVEIRA

Cristiane Manzan Perine¹

Este ensaio objetiva fazer uma leitura de *Um filme falado*, do cineasta português de Manoel de Oliveira, a partir do viés das temáticas da identidade e da memória, persistentes no espírito do povo português, e em sua fixação com a aventura marítima. Para tanto, parte-se aqui da análise de cenas marcantes do filme que remetem o espectador a momentos decisivos da história ocidental sob uma nova perspectiva.

Vamos a uma sinopse do filme. Rosa Maria, uma portuguesa, professora de História da Universidade de Lisboa, parte com a sua filha Maria Joana num cruzeiro que atravessa o Mediterrâneo. O trajeto passa por Ceuta, Marselha, as ruínas de Pompéia, Atenas, as pirâmides do Egito e Istambul. O destino da professora e sua filha é Bombaim, na Índia, onde se reunirão com o seu marido. Ao longo da viagem, elas passam por vários lugares marcantes para a história da civilização e Rosa Maria tem a oportunidade de conhecer lugares de que falava em suas aulas e apresentá-los a sua filha. Durante o cruzeiro Rosa Maria e Maria Joana conhecem três mulheres que lhes chamam a atenção uma empresária francesa, uma modelo italiana e uma atriz grega, além do comandante que é americano, descendente de poloneses. Porém para a surpresa de todos, uma ameaça dá ao cruzeiro um novo destino final.

Logo no início, a primeira cena mostra um porto onde há um navio partindo e várias pessoas acenando, e aparecem as legendas e uma voz em off repetindo o que aparece em uma legenda, anunciando se tratar de uma viagem empreendida por mãe e filha ao longo do mar, num trajeto que retoma grandes caminhos da civilização. Todo o filme gira em torno da viagem, o que de imediato remete à longa tradição das viagens marítimas portuguesas, as quais denunciam a íntima relação dos portugueses com o mar.

É também nessa parte inicial do filme que aparecem cenas que serão marcantes para compreensão de várias passagens seguintes. Tais como: mãe e filha paradas de frente para o mar,

¹ Graduação em Letras – Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia (UFU) – cristiane_manzan@hotmail.com

e olhando-o de forma fixa. Durante a conversa, a mãe dá uma longa aula de história à filha, e durante esse diálogo as duas não se olham, estão com o olhar vidrado no mar, ou nas paisagens que a mãe vai mostrando, como se a olhar algo que está distante, que faz lembrar o que está sendo contado, e tal visada revela o fascínio das mesmas.

Quando passam pela França, e enquanto conversam com um senhor, temos a imagem de um cachorro que está preso a um barco, e as ondas do mar o arrastam, o que faz lembrar a saga dos portugueses. Uma força superior parece que os arrasta para o mar, e que os leva a se aventurarem, como um ímã que atrai toda a nação.

Outra cena que também se repete no filme é a da câmera aproximada da proa do navio, que vai cortando o oceano, e traz a noção de aproximação, de desbravamento, de ir ao encontro do novo. Ao passo que a mãe explica a filha: “Os portugueses descobriram novos mares até então desconhecidos”. Nos dizeres de Fernando Pessoa: “Navegar é preciso; viver não é preciso.” (PESSOA, 1997, p.140)

Outro aspecto interessante a ser retomado é a questão do monumento, a forma como ele é construído e desconstruído a nossos olhos. O que levou anos para ser construído se torna apresentável aos nossos olhos em um instante através de imagens. Rosa Maria mostra um catálogo à Maria Joana com imagens de como era o local, e diz: “Olha como era antes, olha...”, temos aí o paralelo estabelecido que parece ser capaz de conectar o passado e o presente também da história dos portugueses, já que estes sempre mantêm os olhos no passado, alimentando uma memória muito viva desse passado. Esse olhar constante para o passado é como se quisessem voltar a esse tempo de glórias, que é uma lembrança permanente e nostálgica, coberta por um saudosismo que já não podem sobreviver. Segundo Lourenço: “Sujeito, quer dizer, memória, reatualização incessante do que fomos ontem em função do que somos hoje ou queremos ser amanhã.” (1994, p.9).

A recordação do passado é muito cara aos portugueses, a cada menção que fazem desse passado deixam transparecer uma espécie de vontade de reviver esse tempo perdido. Quando na Grécia, a professora de história se vê diante das ruínas, ela tem essa visão saudosista, quando diz à filha: “Vê como devia ser bonito se tudo estivesse como era?” O que pode querer dizer: e se Portugal ainda fosse a Império do passado? Tal trecho pode ser relacionado à seguinte afirmação de Lourenço, quando diz que para Portugal o Messias redentor tão esperado é o seu passado:

“Tudo se passa como se Portugal fosse para os portugueses como a Jerusalém para o povo judaico, com uma diferença: Portugal não espera o Messias, o Messias é o seu próprio passado, convertido na mais consistente e obsessiva dúvida sobre si ou constituindo até o horizonte mítico do seu futuro.” (1994, p.10)

Essa forma de voltar ao passado incessantemente pode ser lida também como uma forma de ressentimento. Há muito tempo Portugal já não está entre as nações mais representativas da Europa, e não se destaca no contexto mundial, já não é um país rico, nesse sentido, encontra-se na margem. No filme, a mãe explica à filha o que é o mito do Sebastianismo, o qual se relaciona com a ida de D. Sebastião à batalha de Alcácer Quibir, e a derrota de Portugal. Nesse episódio D. Sebastião desaparece e fica no povo a esperança de que ele volte para governá-los, como uma esperança de que sua volta poderia resgatar o país e colocá-lo em posição de destaque novamente. Nessa cena, a mãe explica o mito à filha, utilizando-se das seguintes palavras: “Há o mito que um encoberto virá um dia num cavalo branco numa manhã de nevoeiro.”, ao que a filha questiona: “E virá mesmo?”, e a mãe responde: “Há quem acredite que sim”. E de fato há quem acredite que Portugal possa retomar essa posição de destaque, e o prestígio, de centro, de referência. É perceptível nos portugueses um sentimento de saudosismo, de sentir pena por não poder reviver o passado. Recorrendo mais uma vez ao texto de Lourenço:

“A consistência, a força, a coerência do nosso sentimento de identidade estão amalgamadas com a vivência de um espaço-tempo próprio, homogeneizado pela língua, pela história, pela cultura, pela religião, enquanto hábitos sociológicos, pela sua própria marginalização no contexto europeu, o seu lado ilha sem ser. Mas talvez, mais ainda pela presença e permanência, por assim dizer, físicas, ao alcance dos olhos e das mãos, de uma estrutura social, de um arcaísmo extremo, quer dizer, de um enraizamento profundo no passado.” (1994, p. 13)

Ao longo do filme, várias línguas são faladas: o português, o francês, o italiano, o grego e o inglês. No tocante a essa diversidade de línguas faladas, essa questão está estreitamente ligada à identidade. E isso pode ser notado em várias passagens, a começar pela viagem à Grécia, onde Rosa Maria e Maria Joana encontram um eclesiástico ortodoxo e ele pergunta: “És francesa?”, e Rosa responde: “Não, sou portuguesa! Mas se quiser podemos falar em francês.”, e o eclesiástico ortodoxo responde gentilmente: “Mas claro!”. O fato de Rosa afirmar-se

como portuguesa aparece também quando à noite, estando no navio com Maria Joana, o capitão a surpreende com a pergunta: “És inglesa?”, e ela responde: “Não, portuguesa. Por que perguntas?”, e ele se justifica dizendo que ela fala o inglês tão bem, que ele pensou que ela fosse inglesa. E ocorre também essa afirmação de sua identidade portuguesa quando as duas estão a olhar o mar, e a mãe explica quem são os ismaelitas, e a filha pergunta: E nós, o que somos? E a mãe responde: “Somos portuguesas, ora!”. É curioso nessa seqüência de trechos, a afirmação de sua identidade portuguesa. Ela não nega sua origem em momento algum, tem claramente essa convicção de ser portuguesa. Percebe-se, porém, o quanto é evidente o lugar subalterno, no contexto mundial, da língua portuguesa. Em todas as circunstâncias citadas, Rosa Maria tem que deixar de lado a sua língua materna para ser compreendida pelos outros, para ter “voz”. Em determinada cena, a convite do capitão, ela se senta à mesa junto de três mulheres de diferentes nacionalidades, a francesa, a italiana, e a grega, o que pode ser considerado um encontro de culturas. O capitão apresenta Rosa a outras mulheres e afirma: “Temos conversado cada um na sua língua e nos entendemos bem, mas parece que só eu entendo o português.”, e ela responde: “Mas eu posso falar em inglês”. Percebe-se por estas passagens a afirmação de sua identidade, de sua origem, ela fala abertamente que é portuguesa por onde ela passa, mas ao mesmo tempo é obrigada a deixar sua língua de lado se quiser se comunicar. Ao mesmo tempo em que afirma sua identidade, em seguida precisa deixá-la de lado, é um processo de construção e desconstrução de identidade. Ainda durante a conversa à mesa uma das senhoras afirma: “A língua inglesa colonizou o mundo, e hoje, todos temos que falar inglês.”, tal fala nos remete a uma problemática atual, de fato, a língua inglesa é a nova colonizadora do mundo. Nesse momento, as personagens, que até então mantiveram suas línguas maternas no diálogo, são obrigadas a deixá-las de lado também para poderem se comunicar, o que é na verdade o processo pelo qual Rosa passou todas as vezes em que esteve diante de outra língua. Agora são as estrangeiras, vindas de países ainda de prestígio, que têm que deixar de lado sua língua.

Ao final do filme, chama atenção ainda o papel simbólico da boneca da menina. A mãe estava conversando com a filha, falando a respeito das grandes navegações, expansões territoriais e guerras que marcaram este período. Então a menina questiona porque existem guerras, e a mãe diz: “É a ambição do poder que te leva a guerra, é da natureza do homem.”, e então explicando a expansão territorial e a conquista e domínio das colônias a mãe diz à filha que é semelhante a ter uma boneca, se os outros tentam roubá-la, você a defende. E mais adiante a menina acaba

ganhando de presente por parte do capitão do navio uma boneca mediterrânea, e tem medo de perdê-la. Na mesa, quando uma das mulheres, a francesa, está com a boneca, a menina diz: “Devolve a minha boneca!”. Ela tem pressa em ter de volta a boneca em suas mãos, parece ter medo de perdê-la. Como afirma Lourenço: “A identidade nacional estava vinculada à existência de territórios ultramarinos, eufemismo inútil para supor prolongamento pátrio, o que foi sempre, e a justo título, vivido pela consciência nacional como colônias.” (Lourenço, p.13).

De tal forma, a boneca faz lembrar essa aventura no mar, a que os portugueses se arriscavam para conquistar novos territórios, ou para mantê-los, para preservá-los das mãos do inimigo, e muitas vezes acabaram perdendo a vida nessa empreitada. E a menina vive uma saga que traz certa semelhança. Estando todos em alto mar, recebem o anúncio de que há uma bomba no navio. Quando todos estavam deixando o navio, a menina se dá conta de que estava se esquecendo da boneca e volta para pegá-la, e acaba perdendo a vida por isso.

Temos assim uma viagem que se projeta por marcos da história. Se pensarmos na viagem e considerarmos que mãe e filha viajaram ao encontro do pai da menina, que também é um português que tem sua vida ligada à viagens, mas não à tradição marítima, já que o pai da garota é um aviador, tal fato traz certo ar de modernidade a esse contexto de viagens portuguesas, se estabelecermos uma ponte entre o percurso marítimo que elas fizeram para irem ao encontro de alguém que tem a vida ligada à aviação. E o filme termina com uma cena aberta ao telespectador, a aventura no mar, mais uma vez custa a vida dos filhos da pátria portuguesa, e há certo rompimento se considerarmos que a mãe é professora de história em uma universidade, logo tem grande interesse e conhecimento do passado, e a menina, que teve uma longa aula de história e poderia ser também uma perspectiva a olhar o futuro da nação, tem agora um fim trágico. A história do filme termina de forma incerta, tal como a história de Portugal.

Referências

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as duas razões*. 4.ed. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1994. (Temas portugueses)

PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos*. Sel. e org. Frederico Barbosa. São Paulo: Klick Editora, 1997.

UM FILME FALADO. Direção de Manoel de Oliveira. São Paulo: LKTEL Vídeo, 1cd (91 min), DVD, son., color., legendado. (Portugal, 2004)